

# O SURGIMENTO DA LIBRAS E SUA IMPORTÂNCIA NA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Sâmia Carvalho do Amaral<sup>1</sup>; orientadora: Rosemary Meneses dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda de Ciências Biológicas - Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso; <sup>2</sup> Professora de LIBRAS da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso; a.c\_9417@hotmail.com; rosemary-phb@hotmail.com

**RESUMO:** A presente pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa, com base em alguns autores como Lima (2006), Marchesi (2004), Reily (2004), Quadros (2009) entre outros. Teve por objetivos: evidenciar os acontecimentos históricos que contribuíram para o surgimento da Língua Brasileira de Sinais; fundamentar a importância da Libras no desenvolvimento social dos surdos e ressaltar o papel do intérprete como intermediador entre surdos e ouvintes. A Libras desde seu surgimento possibilitou aos surdos uma melhor interação interpessoal, proporcionando aos mesmos uma integração em diversos âmbitos da sociedade. O contexto histórico evidencia a evolução da comunicação gestual desde a Pré-história até o seu desenvolvimento para a língua de sinais e sua chegada ao Brasil, tornando-a LIBRAS, a qual foi trazida pelo professor francês Harnest Huet a pedido de D. Pedro II. O surgimento da Língua Brasileira de Sinais proporcionou aos surdos uma oportunidade educacional e através do intérprete possibilitou uma melhor comunicação entre surdos e não surdos. Com a presente pesquisa buscou, desmistificar a ideia de que os surdos teriam incapacidade intelectual, não estando aptos a desenvolver qualquer tipo de atividades seja elas educacionais ou não. Diante das informações, constatou atualmente, que apesar das conquistas alcançadas pelos surdos na sociedade e principalmente na área educacional, necessita-se de um maior número de intérpretes e profissionais com conhecimento da Libras, em prol de romper com estigmas que lhes consideram serem deficientes e incapazes, eliminando as barreiras do preconceito e a falta de acessibilidade a sua inserção nos diversos espaços sociais.

**PALAVRAS-CHAVES:** Surdos, Libras, Comunicação, Educação.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como problemática investigar a importância da Libras na comunicação e educação dos surdos ao longo do tempo, tendo como objetivos: evidenciar os acontecimentos históricos que contribuíram para o surgimento da Língua Brasileira de Sinais; fundamentar a importância da Libras no desenvolvimento social dos surdos e ressaltar o papel do intérprete como intermediador entre surdos e ouvintes.

A presente temática justifica-se pela importância em desmistificar a ideia de que os surdos não teriam capacidade intelectual, não estando aptos a desenvolver qualquer tipo de atividades sejam elas educacionais ou não. Tais ideias errôneas sobre os surdos geraram preconceitos que

muitas vezes perduram até a atualidade. Portanto, é importante romper com esses estigmas para que os surdos tenham uma melhor integração na sociedade.

Antes de conhecer como a Língua Brasileira de Sinais surgiu, é importante conhecer o surgimento da língua de sinais e a sua chegada ao Brasil através dos franceses, a qual posteriormente veio a se tornar LIBRAS.

## **CONTEXTO HISTÓRICO**

Na pré-história, o homem utilizava as mãos para sua comunicação. Com o decorrer do tempo, o uso dos sinais foi substituído pela comunicação oral. A respeito disso, Vygotsky (1987/1934) apud Reily (2004, p. 113) relata que “os homens pré-históricos trocaram a comunicação gestual pela comunicação oral, pela palavra, quando começaram a utilizar ferramentas; trabalhando com as mãos ocupadas, precisaram inventar uma alternativa para dialogar.” Após a descoberta de um novo meio de comunicação, a comunicação por sinais restringiu-se aos surdos e a oralidade se tornou predominante na comunicação.

Conforme a oralização, esta forma de expressão pertencente aos ouvintes, predominou por muito tempo ganhando força na comunicação, e se sobre pondo a comunicação por sinais que durante anos ocorreu de maneira informal, muitas vezes até mesmo secreta ou negada aos surdos, pois os mesmos eram tratados como pessoas excluídas e sem direitos.

Segundo Goldfeld (1997) apud Araujo et al. (2015, p. 01):

Os surdos eram tratados com piedade e vistos como pessoas castigadas pelos deuses, sendo abandonados ou sacrificados. A surdez e a consequente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. E até o século quinze foi visto como uma pessoa primitiva que não poderia ser educado.

Tais concepções levaram um longo tempo para serem desmistificadas. Somente a partir de 1760, que a educação para os surdos ganhou um espaço na sociedade, através do professor Alemão Samuel Heinicke, o qual criou uma máquina para ensinar os surdos a “falar”.

De acordo com Reily (2004, p.115): “Em vez de aproveitar a visão como sentido principal, ele propôs o paladar, associando sons vocálicos a sabores (A com água; E extrato de losna; I com vinagre; O com água com açúcar; U com azeite; para os sons híbridos, fazia misturas dos sabores)”. Assim, os surdos seriam capazes de falar, não necessitando mais da visão nem dos sinais para comunicar-se.

Após o pesquisador Samuel Heinicke tentar ensinar os surdos a falar, o francês abade L'Épée se destacou na história, também a partir de 1760, por realizar um trabalho na educação de duas irmãs surdas que haviam perdido seu professor, padre Vanin. Embora disposto a continuar com a educação das mesmas, decidiu por mudar a metodologia que antes era utilizada através de imagens, pois limitava as mesmas de compreenderem conceitos mais profundos da religião. (REILY, 2004).

Então, passou a utilizar-se de sinais que contemplassem conceitos abstratos. Porém, apesar das duas irmãs terem aprendido a escrever e a ler, a deficiência naquela metodologia era evidente, pois não havia uma gramática que apoiasse tal ensino aprendizagem.

Assim, L'Épée ao observar a comunicação entre as duas irmãs, pode perceber que as mesmas se comunicavam de maneira fluente, dando oportunidade ao mesmo de aprender os sinais e assim adaptá-los à língua francesa. Com os sinais adaptados à língua francesa, ficou mais fácil para o abade ensinar aos surdos tanto sobre o concreto como o abstrato.

Segundo Reily (2004, p. 116) “A iniciativa de L'Épée revolucionou as possibilidades de educação, comunicação, interação e cidadania para os surdos, um grupo que se encontrava marginalizado e excluído até então.”, sendo um dos primeiros a desenvolver a educação direcionada aos surdos valorizando-os segundo suas habilidades e competências.

Em uma viagem à França, Dom Pedro II conheceu o trabalho realizado por L'Épée no Instituto de Surdos de Paris e percebendo que no Brasil ainda não havia metodologias voltadas para a educação dos surdos. Com isso, convidou o professor francês Hernest Huet para realizar a educação dos mesmos, o qual teve um papel fundamental no surgimento da comunicação e educação dos surdos no Brasil. Hernest Huet fundamentou seus métodos educacionais na leitura labial, articulação da fala e auxílio da datilologia, tornando a língua de sinais francesa à base da Língua Brasileira de Sinais (REILY, 2004).

Em 1857, Hernest Huet conseguiu o apoio de Dom Pedro II para fundar o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, hoje atualmente chamado de Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Porém, somente a partir de 1960, com o aumento dos diagnósticos de surdez, que houve o maior número de pessoas interessadas em aprender LIBRAS.

Com o surgimento da LIBRAS, o bilinguismo passou a ser um dos meios mais utilizados no processo de ensino-aprendizagem, pois possibilitava aos surdos aprenderem a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. A Filosofia Bilíngue diz, de acordo com Goldfeld (1997 apud JESUS; NERES 2015, p.5) “que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna e a de seu

país como segunda língua.” Embora haja outras opiniões de que a língua do país deve ser a primeira a ser adquirida e de maneira escrita e oral, tais opiniões desrespeitam o direito dos surdos de ter a língua de sinais como sua língua materna.

Após a fundação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), pesquisas passaram a ser realizadas no Instituto de Psicologia da USP, para a criação do primeiro dicionário de LIBRAS, o qual veio a ser editado em 2001, passando a ser um instrumento fundamental na educação dos surdos. Pouco tempo depois, foi promulgada a Lei n. 10.436 no dia 24 de abril de 2002. (LIMA 2006).

Esta lei reconheceu legalmente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como uma forma de expressão e comunicação dos surdos, garantindo através da mesma que a língua Brasileira de Sinais seja incluída pelos sistemas educacionais nos cursos de magistério do ensino de LIBRAS, enfatizando, porém, que a mesma não poderá substituir a escrita da língua portuguesa.

De acordo com Lima (2006, p.68):

A língua de sinais é uma linguagem viso-espacial, na qual os gestos são traçados no espaço para serem vistos. Ela tem parâmetros próprios. Assim, algumas características da linguagem oral-como uma data entonação ou um questionamento- não são compreensíveis para a pessoa surda.

Sem a utilização de uma gramática, apenas com sinais criados aleatoriamente para se comunicarem, fez-se necessário a criação de conceitos para dar sentido aos sinais, passando assim não somente a serem utilizados na comunicação, mas principalmente na educação dos surdos.

De acordo com Quadros et. al. (2009, p.15):

Os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas. As línguas de sinais aproveitam esse potencial dos gestos trazendo-o para dentro da língua, fazendo com que sinais visuais representem palavras envolvendo a organização da língua.

Os sinais criados pelos próprios surdos de acordo com os seus conhecimentos, foram sendo vinculados a conceitos que facilitaram a construção gramatical dos sinais, reconhecida hoje no Brasil como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Diante do reconhecimento da LIBRAS legalmente, assim como toda língua, a mesma possui uma gramática específica e regras para que seja executada de maneira correta, como a utilização gestual das mãos. Sobre a regulamentação, Santos (2013, p. 03) diz que:

Entretanto, apesar de regulamentada, a LIBRAS carece de uma sistematização em seu ensino, uma vez que o Decreto Federal apenas faz vagas referências sobre o uso e difusão

da língua para o acesso das pessoas com surdez à educação formal, indicando a necessidade de haver cursos de formação de professores e de intérpretes da língua através de instituições competentes para tal [...]. A distância entre a pessoa surda e o conhecimento acadêmico, e a ausência dela nos espaços escolares, só reforça o mito, por causa da ignorância, de que a LIBRAS não é língua natural, ou é mera linguagem dependente das línguas faladas.

Observando a complexidade dessa nova língua, necessitou-se de profissionais que auxiliassem na educação dos surdos, participando de cursos para conhecerem a LIBRAS, tornando possível aprender a língua portuguesa através da língua brasileira de sinais, desempenhando um papel de intermediador entre surdos e ouvintes. A respeito disso, Araújo et. al. (2015, p. 9) diz que “a presença de um intérprete é imprescindível no âmbito educacional para que ocorra de fato uma troca de conhecimentos”.

Atualmente, muitas são as escolas que buscam ter intérpretes para promover a inclusão dos alunos surdos, porém, sabe-se que para haver uma real inclusão, é preciso que ainda ocorram muitas mudanças. De acordo com Lima (2006, p. 60):

O acesso das pessoas surdas ao ensino ainda é precário, não apresentando, portanto, bons resultados, pois há muita retenção nas séries iniciais, e faltam serviços de Educação Especial nas escolas comuns. Há ainda posições divergentes sobre a utilização de processos educativos de base oral ou gestual.

É importante ressaltar que a LIBRAS não passou a ser utilizada somente na educação dos surdos, mas também por outras pessoas com incapacidades ou distúrbios na fala que necessitavam também da língua de sinais para serem compreendidas. O acesso desse idioma no contexto social brasileiro se faz necessário a todos, podendo desenvolvê-la com a participação dos surdos e ouvintes que queiram aprender e se envolver em torná-la mais conhecida perante a sociedade contemporânea.

De acordo com Quadros et. al. (2009, p.15):

Os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas. As línguas de sinais aproveitam esse potencial dos gestos trazendo-o para dentro da língua, fazendo com que sinais visuais representem palavras envolvendo a organização da língua.

Assim, a língua de sinais passou a dar voz às mãos dos surdos e a todos aqueles que durante muito tempo foram silenciados pela ignorância e falta de conhecimento sobre a surdez. Segundo Lima (2006, p.63) “interagir com outros sujeitos e construir a sua linguagem, condição imprescindível para que o indivíduo possa apropriar-se da cultura e se constituir como sujeito”.



Podendo desta forma, ter um melhor relacionamento interpessoal, além de uma melhor integração educacional e nas relações de trabalho.

Atualmente, a LIBRAS é reconhecida como um instrumento fundamental para a comunicação e educação dos surdos, libertando-os do analfabetismo e possibilitando uma maior inclusão e independência diante da sociedade. Segundo Dizeu e Caporali (2005, p. 588) “a língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno.” Facilitando assim, sua inclusão desde a escola ao ambiente de trabalho.

## **METODOLOGIA**

O Presente trabalho foi produzido por meio de uma revisão bibliográfica em livros e artigos científicos que abordam o surgimento da LIBRAS, a sua importância na educação dos surdos e o seu papel na comunicação ao longo do tempo. Os principais teóricos utilizados, foram Lima (2006), Marchesi (2004), Reily (2004), Quadros et. al. (2009), entre outros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A história dos surdos tem sido um grande desafio ao longo do tempo. Sendo que, cada época possuía concepções distintas, mas em todas eram tratados como seres diabólicos, incapazes, bruxos, entre outros estigmas. Após muitos séculos, estas visões foram dando espaços para que os surdos fossem notados com algumas habilidades, iniciando assim a sua educação. A inserção dos surdos no meio educacional contribuiu para desmistificar concepções criadas de que os mesmos não possuíam condições intelectuais para aprender nem desempenhar papéis importantes na sociedade. Tais concepções passaram a ser motivo de exclusão do meio social, sendo uma das principais barreiras enfrentadas pelos mesmos.

Ao longo do processo educacional dos surdos, buscou-se desenvolver metodologias voltadas para um melhor ensino-aprendizagem. A construção destas metodologias envolveu a participação tanto de educadores quanto dos surdos, baseadas em suas experiências comunicativas. Conforme aborda Marchesi (2004, p. 171):

Os educadores refletiram sobre os processos de instrução e sobre as estratégias comunicativas mais adequadas à forma de aprender das pessoas surdas. As próprias pessoas surdas reivindicaram um papel em tais estudos e encaminharam a reflexão sobre sua própria experiência. Todos eles, de forma mais autônoma ou em equipes interdisciplinares, contribuíram para ampliar o conhecimento sobre a situação das pessoas com deficiência

auditiva e sobre as estratégias mais adequadas para favorecer seu desenvolvimento e sua educação.

Compreende-se que os surdos trazem consigo uma condição linguística exclusiva, que pode ser desenvolvida se auxiliada por profissionais capacitados, conduzindo-os ao avanço de sua língua materna, a língua de sinais. Myklebust (1964) apud Marchesi (2004, p. 181) diz que:

O desenvolvimento da inteligência dos surdos é diferente da dos ouvintes. O principal dado em que se baseia é que seu pensamento está mais vinculado ao concreto e apresenta mais dificuldades para a reflexão abstrata. Essa constatação não impede que, em muitos testes de inteligência, especialmente naqueles com menor conteúdo verbal, os resultados obtidos pelos surdos sejam similares aos dos ouvintes.

Compreende-se que os surdos trazem consigo uma condição linguística exclusiva, que pode ser desenvolvida se auxiliada por profissionais capacitados, conduzindo-os ao avanço de sua língua natural, a língua de sinais. Além disso, percebe-se uma maior dificuldade dos surdos para a reflexão abstrata, fato que não impede o seu desenvolvimento cognitivo.

Segundo Marchesi (2004, p. 192) “é preciso reconhecer e respeitar a cultura das pessoas surdas, uma cultura que se baseia na linguagem de sinais e que se mantém graças às associações das pessoas surdas, uma cultura que deve ajudar na construção da identidade pessoal [...]”. Percebe-se a importância da língua de sinais na vida dos surdos como ferramenta fundamental na construção da identidade dos mesmos na sociedade.

Por meio da revisão bibliográfica, foi possível compreender como ocorreu o surgimento da LIBRAS e sua importância ao longo do tempo no processo de ensino aprendizagem, como também na inclusão e comunicação dos surdos.

## **CONCLUSÃO**

Através do presente trabalho foi possível conhecer de maneira contextualizada o surgimento da Língua de sinais ao longo do tempo no mundo e no Brasil, destacando o seu papel na comunicação e educação dos surdos brasileiros, evidenciando a necessidade de profissionais de LIBRAS que atuassem como intérpretes mediadores entre surdos e a sociedade que antes não os compreendia.

Após o surgimento da LIBRAS, a educação dos surdos passou a ser mais ampla e conceitual, tornando-se uma língua de integração dos surdos na sociedade. Contribuindo assim, na construção da identidade dos mesmos, devolvendo-os sua dignidade. Além disso, buscou-se romper com os estigmas de que os surdos não possuem capacidade intelectual.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, D. M. S.; SILVA. M. C.; SOUSA. W. P. A. **A influência da LIBRAS no processo educacional de estudantes surdos em escola regular.** 2015. Disponível em: <<http://files.portaldossurdos.webnode.pt/200002513-4d0d14e084/a%20influncia%20da%20libras%20no%20processo%20educacional%20de%20estudantes%20surdos%20em%20escola%20regular.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.

DIZEU, L.C.T.B.; CAPORALI. S.A. **A Língua De Sinais Constituindo O Surdo Como Sujeito.** Campinas, v.26, n.91, p.583-597, mai/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 30 agos. 2017.

LIMA, P. A. **Educação Inclusiva e Igualdade Social.** São Paulo: Avercamp, 2006.

MARCHESI, Alvaro. Desenvolvimento e Educação das Crianças Surdas. In: **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3 v.

NERES, C. C; JESUS, C. K. **A aquisição da Libras por um estudante surdo: um estudo de caso.** Disponível em: <<http://docplayer.com.br/29385448-A-aquisicao-da-libras-por-um-estudante-surdo-um-estudo-de-caso.html>>. Acessado em: 30 set. 2017.

QUADROS, R.M.; PIZZIO, A.L.; REZENDE, P.L.F. **Língua Brasileira de Sinais I.** Florianópolis. 2009. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto\\_base.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf)>. Acessado em: 20 agos. 2017.

REILY, L. **Escola inclusiva: Linguagem e mediação.** São Paulo: Papyrus, 2004.

SANTOS, W.J. **Ambiente de Ensino-Aprendizagem da LIBRAS: O AEE para alunos surdos.** 11.ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2013. Disponível em: <[http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3\)%20Santos%20REVISTA%2011.pdf](http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3)%20Santos%20REVISTA%2011.pdf)>. Acessado em: 09 set. 2017.



